

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lígia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

DESDE A CRISTA, OLHANDO PARA O TEJO - OS ABRIGOS COM PINTURA ESQUEMÁTICA DO PEGO DA RAINHA (MAÇÃO, PORTUGAL)

Andrea Martins¹

RESUMO

No centro do território português, no concelho de Mação, no topo de uma crista quartzítica, localizam-se os abrigos do Pego da Rainha. Estes dois sítios arqueológicos apresentam um reportório temático enquadrado na pintura rupestre esquemática, sendo maioritários os motivos de barras e pontos. Esta simplificação temática corresponde a um programa conceptual específico das comunidades do IV e III milénios a.C., sendo os ideogramas as representações mais frequentes. A sua localização destacada, no topo de uma das grandes cristas quartzíticas que cortam o vale do Tejo, possibilita uma efectiva antropização da paisagem, enquadrando-se num território onde arte rupestre, núcleos habitacionais e contextos funerários se interligam.

Apresentamos neste trabalho o Abrigo do Pego da Rainha 1 e o Abrigo do Pego da Rainha 2, descrevendo a iconografia presente e as possíveis interpretações, enquadrando-os no território destas comunidades, possibilitando assim uma abordagem de conjunto, que permite sair do hermetismo científico em que frequentemente a arte rupestre se insere.

Palavras-chave: Arte rupestre; Arte esquemática; Calcolítico; Pintura; Pego da Rainha.

ABSTRACT

In the centre of Portugal, in the municipality of Mação, at the top of a quartzite ridge, are the Pego da Rainha rock shelters. These two archaeological sites have a thematic repertoire based on schematic rock painting, with the majority of motifs being bars and dots. This thematic simplification corresponds to a specific conceptual programme of the communities of the 4th and 3rd millennia BC, with ideograms being the most frequent representations. Its prominent location, at the top of one of the great quartzite ridges that cut through the Tagus valley, makes it possible to effectively anthropise the landscape, fitting into a territory where rock art, settlement places and funerary contexts are interconnected.

In this paper we present the Pego da Rainha 1 Shelter and the Pego da Rainha 2 Shelter, describing the iconography present and the possible interpretations, placing them within the territory of these communities, thus enabling an overall approach that allows us to break out of the scientific hermeticism in which rock art is often placed.

Keywords: Rock art; Schematic art; Chalcolithic; Painting; Pego da Rainha.

1. FCT; UNIARQ – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Associação dos Arqueólogos Portugueses / andrea.arte@gmail.com
UNIARQ financiada pela FCT no âmbito dos projectos UIDB/00698/2020 e UIDP/00698/2020

1. OS ABRIGOS DO PEGO DA RAINHA – A HISTÓRIA²

Os Abrigos do Pego da Rainha foram identificados a 9 de Julho de 2001 no âmbito dos trabalhos de prospecção de arte rupestre realizados por uma equipa multidisciplinar constituída por membros do Instituto Politécnico de Tomar, do Museu Municipal de Mação, da Arqueojovem (Associação juvenil para a Preservação do Património Cultural e Natural), do Colectivo Barbaón e do Gruppi Archeologici del Veneto. Estes trabalhos de prospecção foram realizados na sequência da identificação do equídeo paleolítico, na margem direita do rio Ocreza, pela equipa do extinto Centro Nacional de Arte Rupestre – CNART, no âmbito de trabalhos de minimização da construção do traçado viário designado por IP6.

Esta área do rio Ocreza, nomeadamente a sua zona mais a jusante, junto da confluência com o Tejo, já tinha sido alvo de prospecção direccionada para a arte rupestre durante a década de 70 do século passado, devido aos trabalhos de minimização efectuados no complexo de arte rupestre do Vale do Tejo. A 17 de Abril de 1973 uma equipa prospectou as margens do Ocreza desde a barragem de Pracana até cerca de 4km da confluência com o Tejo, tendo sido identificados os três primeiros painéis com gravuras esquemáticas. Posteriormente, já no período final dos trabalhos no Vale do Tejo, foram efectuadas novas prospecções em 1974 e 1976 identificando-se na margem direita do Ocreza 20 painéis decorados (Baptista, 2001: 163). Porém a escassez de motivos e a sua elevada dispersão levaram a que não fosse considerado um núcleo típico, sendo caracterizado como um dos limites de dispersão do complexo artístico do Vale do Tejo. Assim, graças a várias condicionantes como a não afectação da barragem do Fratel nesta zona, os acessos difíceis e a escassez de tempo face à urgência de salvamento dos vários núcleos que iriam ser submersos, a prospecção ao longo das margens do rio Ocreza não teve um carácter sistemático e intensivo, ficando inventariadas várias rochas com gravuras pós-paleolíticas, algumas das

2. Estes abrigos foram estudados pela signatária no âmbito de Doutoramento em Arqueologia Pré-Histórica (2008-2012), integrados num PNTA de análise e estudo de 10 sítios arqueológicos com arte rupestre do centro e sul do território português. A tese encontra-se publicada (Martins, 2016) correspondendo o presente artigo a uma adaptação destes dados.

quais foram moldadas em latex. Todos estes factores justificam a não identificação do cavalo paleolítico aquando dos primeiros trabalhos, descoberta realizada passados 25 anos, a 6 de Setembro de 2000, pela equipa do CNART após solicitação do CEIPHAR (Baptista, 2001: 164). Foi efectuado o levantamento e estudo do cavalo paleolítico pela equipa do CNART e não foram afectadas rochas com gravuras pela construção do viaduto do IP6.

Em 2001 foram realizados trabalhos de prospecção, enquadrados num projecto de investigação³, com o objectivo de delimitação da dispersão geográfica da arte rupestre e contextualização da mesma, tanto nas margens do Ocreza como em áreas limítrofes, onde se enquadram os imponentes maciços quartzíticos da zona de Envendos. Estes trabalhos, levaram à identificação de 31 rochas com gravuras esquemáticas pós-paleolíticas nas margens do Ocreza e os dois abrigos com pinturas esquemáticas do Pego da Rainha.

Os abrigos localizam-se no maciço quartzítico cortado pela Ribeira da Zimbreira, numa zona onde se forma uma pequena cascata e lagoa, origem do topónimo Pego da Rainha. As prospecções de Julho de 2001 iniciaram-se na vertente Oeste, levando à identificação inicial no dia 9 de Julho, do Abrigo 1, e posteriormente do Abrigo 2, na vertente Sul do maciço. Após a caracterização dos painéis com pinturas rupestres foram efectuados levantamentos directos, registo fotográfico e topográfico pela equipa de arqueólogos que estava a efectuar a prospecção e posteriormente entregue relatório anual de PNTA⁴ (Oosterbeek e Collado Giraldo, 2002).

A identificação dos abrigos do Pego da Rainha suscitou interesse e curiosidade a nível do público em geral tendo surgido diversos artigos em jornais locais e nacionais (Henriques, 2001: 21).

No âmbito dos projectos realizados pelo Museu de Mação, IPT, e CEIPHAR foi realizada, pela investigadora Daniela Cardoso, tese de mestrado intitulada: “Étude de peintures schématiques dês Abris du site Pego da Rainha: région de l’Alto Ribatejo – Portugal”, entregue e aprovada no Institut de Paléonto-

3. PNTA 98 – Territórios, Mobilidade e Povoamento na Pré-História Recente no Alto Ribatejo, de responsabilidade de Luiz Oosterbeek.

4. A informação de todo o processo de identificação, caracterização e trabalhos efectuados encontra-se no processo 2001/1 (493) – Arte Rupestre do Ocreza, consultado no arquivo de arqueologia da DGPC.

logie Humaine (Cardoso, 2002), bem como artigo científico sobre os abrigos (Cardoso, 2003).

Ao enquadrar-se em diversos projectos realizados pela equipa do Museu de Mação e Instituto Terra e Memória, os abrigos do Pego da Rainha surgem referidos em artigos científicos (Oosterbeek, 2002; Oosterbeek *et al.*, 2002; 2010; Oosterbeek e Cura, 2005), fazendo igualmente parte de artigos de síntese produzidos no âmbito do doutoramento da signatária (Martins, 2011; 2013; 2015; 2016a; 2016b; 2019).

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E PALEOAMBIENTAL

Os abrigos do Pego da Rainha localizam-se no centro do território Português, próximo do rio Ocreza, afluente direito do elemento definidor e preponderante desta paisagem - o rio Tejo. Esta região situa-se no contacto setentrional da Bacia Terciária do Baixo Tejo com os relevos do bordo SW da Cordilheira Central Portuguesa, transição que se processa por uma escadaria de blocos tectónicos com orientação geral NE-SW a ENE-WSW. O relevo regional está dominado por cristas de resistência, alongadas na direcção NW-SE e cuja altitude ultrapassa os 500 m (Romão, 2006). Estas cristas quartzíticas são atravessadas em gargantas fechadas pelos rios Tejo e Ocreza, onde o monumento natural mais imponente são as Portas do Rodão.

Os dois abrigos que compõem o conjunto do Pego da Rainha localizam-se do ponto de vista administrativo na freguesia de Envendos, concelho de Mação, distrito de Santarém. (Figura 1) Estão localizados em duas áreas geográficas distintas do maciço quartzítico, que é cortado pela Ribeira da Zimbreira, a poucas dezenas de metros da Ribeira de Pracana (afluente da margem direita do Rio Ocreza). O topónimo “Pego da Rainha” advém do pego, ou pequena cascata com lago, que existe nesta área mais encaixada por onde a Ribeira de Pracana atravessa o maciço quartzítico. (Figura 2)

O Abrigo 1 encontra-se orientado a SO, virado para a povoação da Zimbreira e para montante da ribeira, tendo escassa visibilidade para Este. (Figura 3). Por outro lado, o Abrigo 2 localiza-se quase no topo da escarpa do maciço quartzítico, orientado a Sul e com excelente visibilidade para Este, ou seja, para a foz da Ribeira da Zimbreira com a Ribeira do Pracana e da foz desta com o Rio Ocreza. (Figura 4). A visibilidade para Oeste é inexistente, ficando os dois abrigos

sem possibilidade de visibilidade mútua, bem como acesso de um a outro pela cota respectiva. O acesso é bastante difícil, não apenas pela inclinação da vertente mas também pela irregularidade dos blocos quartzíticos que não permitem progressão linear.

A unidade geológica onde se enquadram os abrigos com arte esquemática do Pego da Rainha é a Formação do Quartzito Armoricano (O QA) do Ordovícico Arenigiano Médio a Superior. Esta formação é constituída por conglomerados e arenitos arcósicos na base, sobrepostos por um conjunto de bancadas de quartzitos de espessura variável. Por cima destas bancadas quartzíticas ocorrem estratos silto-areníticos e siltíticos de cor cinzento-esverdeada, intercalados de quartzitos e pelitos cinzentos (Romão, 2006: 15). A Formação de Quartzito Armoricano é especialmente relevante do ponto de vista hidrogeológico, estando os abrigos do Pego da Rainha directamente relacionados com esta característica. Esta formação corresponde aos limites do sinclinal ordovícico, onde surgem as cristas quartzíticas, que compartimentadas por acidentes tectónicos dão formas a serras como na zona de Envendos. Na zona interior, ou seja, nas áreas mais profundas e afastadas das cristas, surge um aquífero confinado com elevada permeabilidade fissural devido à sua densa rede de descontinuidades abertas como falhas, fracturas ou diáclases. Esta rede permite a circulação de água meteórica a grande profundidade originando vários casos de termalidade permanente que ocorrem na zona de Envendos e no Pego da Rainha (Romão, 2006: 53). A nascente do Pego da Rainha apresenta uma temperatura constante de 110 C, enquanto nas Termas de Ladeira de Envendos a água surge a 220 C correspondendo assim a uma zona aquífera mais profunda (Romão, 2006: 54). Estas águas são tipicamente cloreatadas-sódicas, destacando-se pelo seu carácter marcadamente ácido com valor médio de pH 4,6. Apresentam dureza reduzida e são assim águas de excelente qualidade (Romão, 2006: 56).

O maciço quartzítico onde se localizam os abrigos do Pego da Rainha apresenta-se escassamente antropizado, existindo apenas no sopé um caminho florestal que conduz à zona da cascata e nascente do Pego da Rainha. No topo da elevação da margem direita da Ribeira da Zimbreira, encontra-se o marco geodésico, as antenas de telecomunicações e um aerogerador, sendo estes os vestígios antrópicos mais próximos dos abrigos.

3. PEGO DA RAINHA 1 E PEGO DA RAINHA 2 – OS SÍTIOS ANTROPIZADOS

3.1. Pego da Rainha 1

3.1.1. O abrigo

O abrigo 1 do Pego da Rainha não corresponde à típica morfologia de abrigo mas antes a uma parede sub-vertical, inclinada no topo, que origina uma área mais protegida na superfície inferior. Esta parede faz parte da sequência de fracturação da crista quartzítica na vertente Oeste do maciço, sendo o acesso muito difícil. A parede que corresponde ao abrigo 1 do Pego da Rainha apresenta cerca de 3,80 m de altura por 4,5 m de largura, tendo no limite máximo de largura 0,70 m. (Figura 5)

Encontra-se orientado a Sudoeste, implantando-se a 250 m de altura, na zona superior da encosta, num pequeno patamar onde se encontra a parede quartzítica. A visibilidade do abrigo é excelente para Sudoeste e Oeste, tendo amplo domínio visual sobre o vale da Ribeira da Zimbreira. É visível a longa distância, destacando-se pelas dimensões da parede e principalmente pela existência de abundantes elementos micro-colonizadores vegetais da espécie *Candelariella sp.*, de coloração amarela, que fazem com que sobressaia visualmente na paisagem.

A parede mostra um estado de conservação regular, correspondendo os principais factores de desagregação e deterioração à existência de organismos vegetais, à circulação abundante de água e a diversos processos de meteorização que levam ao desprendimento de pequenas placas. Actualmente, a superfície da pequena plataforma apresenta camada sedimentológica com pouca potência, proveniente de escorrências, sendo praticamente visível em toda a superfície a rocha quartzítica. Igualmente não se identificaram materiais arqueológicos na vertente de acesso ao abrigo, que poderiam corresponder a escorrências de um possível sítio localizado à cota do abrigo ou superior.

3.1.2. Descrição do conteúdo iconográfico

O dispositivo iconográfico existente no Abrigo 1 do Pego da Rainha localiza-se ao centro da parede sub-vertical, numa zona onde a mancha de líquenes amarelos – *Candelariella sp.*, não se apresenta tão compacta, possibilitando por isso a visualização das pinturas. Esta situação leva a que possivelmente as representações pictóricas sejam mais abundantes,

encontrando-se actualmente cobertas por estes micro-organismos que impedem a sua caracterização. Foi definido um único painel, cujos limites foram estabelecidos artificialmente, pois corresponde a uma parede de grandes dimensões, sem fracturas estruturantes que condicionassem a escolha da localização do dispositivo iconográfico. (Figura 6)

A plataforma existente em frente da parede quartzítica permite a permanência de no máximo quatro pessoas, sendo as vertentes muito inclinadas. O painel 1 é visível a longa distância e a sua localização central faz com que seja o primeiro sítio alvo de visualização ao chegar à plataforma, por outro lado as pinturas apesar de estarem no centro do painel apenas são perceptíveis junto da parede.

Painel 1 – Localiza-se ao centro da parede sub-vertical, numa área de morfologia plana. Apresenta 1,40 m de altura e 0,95 m de largura máxima. O dispositivo iconográfico é constituído por 11 motivos esquemáticos. (Figuras 7, 8 e 9)

Motivo 1 – Morfologia de formato circular caracterizada como um ponto, mostrando os contornos irregulares. Apresenta como dimensões máximas 1,6 cm de diâmetro. Encontra-se isolado, localizando-se na área superior do painel, numa zona enquadrada por duas fracturas. O estado de conservação é muito deficiente sendo difícil definir o método de aplicação do pigmento.

Motivo 2 – Morfologia caracterizada como uma barra, de contornos bem definidos e regulares, apresentando 3,4 cm de comprimento e 1,2 cm de largura máxima. Localiza-se numa zona inferior ao motivo 1, mais central, e encontra-se isolado. O estado de conservação é regular sendo provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

Motivo 3 – Conjunto de dois pontos de morfologia circular, com contornos regulares, dispostos na vertical. O ponto superior apresenta 1,5 cm de diâmetro máximo e o inferior 2 cm de diâmetro máximo, localizando-se numa área central do painel no seu lado esquerdo, a cerca de 16 cm de distância da maior concentração de motivos. O estado de conservação é muito deficiente sendo difícil definir o método de aplicação do pigmento.

Motivo 4 – Conjunto de três barras, de morfologia rectangular com as extremidades arredondadas. Mostram contornos regulares e bem definidos, estando alinhadas, dispostas verticalmente, separadas

entre si por 0,5 cm. Apresentam 4,8 cm de comprimento máximo por 1,7 cm de largura máxima e o pigmento ocupa uniformemente todo o motivo. Localizam-se na zona central do painel, numa área onde se verifica a maior concentração de motivos. O estado de conservação é regular sendo provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

Motivo 5 – Conjunto de duas barras de morfologia rectangular com as extremidades arredondadas. Mostram contornos regulares e bem definidos, sendo a primeira barra sub-horizontal e a segunda alinhada na vertical, separadas entre si por 1 cm. A barra superior tem 3,2 cm de comprimento por 1,3 cm de largura e a inferior 3,7 cm de comprimento máximo por 1,5 cm de largura máxima, sendo o pigmento uniforme. Localizam-se na zona central do painel, numa área onde se verifica a maior concentração de motivos, entre os motivos 4 e 6. O estado de conservação é regular sendo provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

Motivo 6 – Conjunto de quatro barras. As barras apresentam morfologia rectangular, com extremidades arredondadas, sendo os contornos irregulares e mal definidos. Encontram-se em disposição sub-horizontal, na extremidade direita da zona onde se concentram os motivos. Apresentam dimensões que variam entre os 5,4 cm e 1,5 cm de comprimento máximo e 1,5 cm de largura máxima. Surgem ainda uns possíveis restos de pigmento de contornos muito irregulares e indefinidos. Apenas uma das barras apresenta um estado de conservação regular, sendo provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação, hipótese que não é possível de aplicar às restantes morfologias.

Motivo 7 – Conjunto de três barras de morfologia rectangular com as extremidades arredondadas. Mostram contornos regulares e bem definidos, estando dispostas na vertical, uma numa zona superior, enquanto as restantes estão lado a lado, separadas entre si por 0,3 cm. A barra superior tem 2,4 cm de comprimento por 1 cm de largura e as duas inferiores apresentam 3,8 cm de comprimento máximo por 1,3 cm de largura máxima, sendo o pigmento uniforme. Localizam-se na zona central do painel, numa área inferior ao motivo 4 e do lado esquerdo do motivo 8. O estado de conservação é regular sendo provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

Motivo 8 – Conjunto de três barras de morfologia rectangular com as extremidades arredondadas. Mostram contornos regulares e bem definidos, estando dispostas na vertical, alinhadas, separada por 3 cm entre a primeira e a segunda e por 2 cm entre a segunda e a terceira. As barras das extremidades apresentam maiores dimensões que a barra central, sendo o pigmento uniforme. A primeira barra tem 5,2 cm de comprimento por 1,8 cm de largura, a segunda 2,2 cm de comprimento por 1,3 cm de largura e a terceira 4,5 cm de comprimento por 1,4 cm de largura. Localizam-se na zona central do painel, numa área inferior ao motivo 5 e entre os motivos 7 e 9. O estado de conservação é regular sendo provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

Motivo 9 – Conjunto de uma barra e um ponto. A barra apresenta morfologia rectangular com as extremidades arredondadas, de contornos muito irregulares e mal definidos. Encontra-se disposta na vertical, separada do ponto por 0,5 cm e apresenta 4,8 cm de comprimento máximo por 2 cm de largura máxima. O ponto mostra morfologia circular, com contornos irregulares e indefinidos, tendo cerca de 1 cm de diâmetro máximo. Localizam-se na zona central do painel, na extremidade direita da concentração de motivos, numa área inferior ao motivo 6. O estado de conservação é muito deficiente sendo difícil definir o método de aplicação do pigmento.

Motivo 10 – Conjunto de duas barras de morfologia rectangular com as extremidades arredondadas. Mostram contornos irregulares e moderadamente definidos, estando alinhadas, dispostas na vertical, separadas entre si por 1 cm. A barra esquerda tem 2,5 cm de comprimento por 1,2 cm de largura e a da direita 3,4 cm de comprimento máximo por 1,3 cm de largura máxima, sendo o pigmento uniforme. Localizam-se na zona inferior do painel, numa área inferior ao motivo 9. O estado de conservação é deficiente sendo difícil definir o método de aplicação do pigmento.

Motivo 11 – Morfologia caracterizada como uma barra, de contornos bem definidos e regulares, apresentando 3,9 cm de comprimento e 1,2 cm de largura máxima. Localiza-se na zona mais inferior do painel, estando isolada. O estado de conservação é regular sendo provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

3.2. Pego da Rainha 2

3.2.1. O abrigo

O Pego da Rainha 2 corresponde a um abrigo de grandes dimensões, localizado perto do topo do maciço quartzítico. É formado pelas camadas de estratificação quartzíticas, que geraram a formação de uma parede irregular na zona inferior, tornando-se mais destacada na zona superior criando uma espécie de pala que origina assim uma morfologia de abrigo. Apresenta 3 m de altura por 7 m de comprimento, tendo profundidade de cerca de 5 m na área mais interior. (Figuras 10 e 11).

Encontra-se orientado a Sul e apresenta ampla visibilidade para a Ribeira da Zimbreira, para a Ribeira de Pracana e Rio Ocreza, bem como para o maciço quartzítico do Castelo Velho localizado em frente do abrigo. Domina assim visualmente a paisagem para Oeste e Sul. Localiza-se a cerca de 270 m de altura e é visível a longa distância, desde o caminho de terra batida localizado a meia encosta, bem como do topo do maciço do Castelo Velho. A densa vegetação junto do abrigo dificulta a sua percepção durante a subida da encosta, sendo que após a chegada à plataforma são perfeitamente visíveis os painéis e as pinturas esquemáticas.

É formado por uma sucessão de camadas quartzíticas, sub-horizontais e paralelas entre si, sendo na área mais à esquerda do abrigo ligeiramente dobradas. Estas camadas criam várias superfícies lisas e planas, separadas por fracturas, em diversos planos, existindo superfícies mais ou menos recuadas em relação a outras. Na zona central do abrigo existe uma diaclase, cuja área interior é de reduzida dimensão, correspondendo os blocos pétreos de grande dimensão existentes na plataforma do abrigo a abatimentos desta zona.

A superfície do abrigo não apresenta abundantes elementos vegetais micro-colonizadores, porém estes existem em diversas zonas, sendo de diversas espécies: *Candelariella sp.*, *Psicolechia sp.*, *Lecanora muralis*, *Lasallia pustulata*, *Parmelia sp.*, *Lepraria borealis*, *Rizocarpum geographicum* e *Lecanora muralis*. O estado de conservação das paredes quartzíticas do abrigo não poderá ser considerado mau, contudo apresenta várias zonas onde se verifica o estalamento e a fracturação em placas de pequena e média dimensão. Esta situação poderá ser resultado de diversos processos de meteorização, aliados à circulação de água em várias partes do abrigo e à incidência de luz solar direc-

ta na maior parte do dia. Na extremidade esquerda do abrigo existe uma exsurgência, que mesmo em período seco permanece húmida, levando a que nesta área proliferem elementos vegetais. Esta situação ocorre igualmente na zona interior da diaclase, onde as paredes se encontram permanentemente com vestígios de água.

Actualmente, a superfície da plataforma encontra-se desprovida de camadas sedimentológicas sendo visível a rocha quartzítica. Igualmente não se identificaram materiais arqueológicos na vertente de acesso ao abrigo, que poderiam corresponder a escorrências de um possível sítio localizado à cota do abrigo ou superior.

3.2.2. Descrição do conteúdo iconográfico

O dispositivo iconográfico existente no Abrigo 2 do Pego da Rainha localiza-se na área mais à esquerda do abrigo e é constituído por cinco painéis com representações esquemáticas pintadas. Os painéis foram definidos tendo em conta as camadas quartzíticas que subdividem a parede de fundo do abrigo e a sua orientação.

A plataforma existente em frente da parede quartzítica permite a permanência de um grande número de pessoas (mínimo de dez pessoas), sendo uma zona plana que possibilita a visualização directa das pinturas a uma distância de um a dois metros. Porém, devido ao seu estado de conservação, alguns motivos apenas são visíveis junto da parede. Apenas o painel 4 localizado numa superfície orientada a Este não é perceptível imediatamente, sendo necessário a aproximação à parede. A orientação dos restantes painéis varia entre Sul e Sudoeste, gozando de incidência solar directa durante parte do dia, sendo que a visualização para o vale só é dificultada pela densa vegetação na encosta e plataforma.

Painel 1 – Localiza-se na zona mais à esquerda do abrigo e corresponde à primeira de um conjunto de quatro camadas quartzíticas, paralelas entre si, dispostas horizontalmente e num plano mais recuado. A delimitação do painel foi efectuada tendo em conta linhas de fracturação da rocha, correspondendo a uma área de morfologia irregular, de superfície plana, vertical e com formato rectangular. Apresenta 0,80 m de altura por 1,10 m de largura máxima. Foram identificados quatro motivos iconográficos neste painel. (Figuras 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18)

Motivo 1 – Morfologia de formato semi-circular caracterizada como um semi-círculo, mostrando os contornos irregulares e na extremidade esquerda mal definidos. Apresenta como dimensões 8 cm de comprimento por 1 cm de largura. Encontra-se isolado, localizando-se na área esquerda do painel, numa superfície plana. Trata-se assim de um traço, preenchido internamente, com formato semi-circular, cujo estado de conservação é muito deficiente, sendo difícil definir o método de aplicação do pigmento.

Motivo 2 – Conjunto de dois pontos de morfologia elipsoidal, com contornos regulares, dispostos na vertical. O ponto superior apresenta 2 cm de diâmetro máximo e o inferior 1,5 cm de diâmetro máximo, localizando-se na extremidade de uma zona destacada, que se encontra ao centro do painel 1. Estes dois motivos encontram-se mesmo sobre a linha de fracturação da superfície do painel. Apesar do estado de conservação ser deficiente, não permitindo a boa conservação do pigmento, foi provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

Motivo 3 – Conjunto de cinco barras, de morfologia rectangular com as extremidades arredondadas. Mostram contornos regulares e bem definidos, estando alinhadas mas em diversos planos, dispostas verticalmente, separadas entre si por 2 a 3 cm. Apresentam 4 cm de comprimento máximo por 1,5 cm de largura máxima e o pigmento ocupa uniformemente todo o motivo. Localizam-se na zona central do painel, numa superfície destacada, de formato quadrangular que sobressai em todo o painel. As barras encontram-se na zona superior desta superfície. O estado de conservação é regular sendo provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

Motivo 4 – Morfologia caracterizada como uma barra, de contornos mal definidos e irregulares, disposta obliquamente, apresentando 2,5 cm de comprimento e 1,5 cm de largura máxima. Apresenta morfologia rectangular, com as extremidades arredondadas. Localiza-se na zona inferior do painel, estando isolada. O estado de conservação é muito deficiente não sendo possível determinar qual o método de aplicação do pigmento utilizado.

Painel 2 – Corresponde à segunda camada quartítica localizada num plano inferior ao painel 1. A delimitação do painel foi efectuada tendo em conta linhas de fracturação da rocha, correspondendo a uma área de disposição vertical, morfologia irre-

gular, superfície plana e com formato rectangular. Apresenta 0,30 m de altura por 1,20 m de largura máxima. Foram identificados cinco motivos iconográficos neste painel

Motivo 5 – Morfologia caracterizada como uma barra, de contornos bem definidos e regulares, disposta na vertical, apresentando 4 cm de comprimento e 1,4 cm de largura máxima. Apresenta morfologia rectangular, com as extremidades arredondadas. Localiza-se na área mais à esquerda do painel, numa zona entre fracturas, estando isolada. Apesar do estado de conservação ser deficiente, não permitindo a boa conservação do pigmento, foi provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

Motivo 6 – Morfologia caracterizada como uma barra, de contornos mal definidos e irregulares, disposta na horizontal, apresentando 3,3 cm de comprimento e 1,6 cm de largura máxima. Apresenta morfologia rectangular, com as extremidades arredondadas. Localiza-se na área central do painel, numa superfície plana e de coloração mais clara, estando à esquerda do motivo 7. O estado de conservação é muito deficiente não sendo possível determinar qual o método de aplicação do pigmento utilizado.

Motivo 7 – Morfologia de formato semi-circular caracterizada como um semi-círculo, mostrando os contornos irregulares mas bem definidos. A zona aberta do semi-círculo encontra-se orientada para o lado esquerdo. Apresenta como dimensões 5,3 cm de comprimento por 1,2 cm de largura. Localiza-se na área central do painel, numa superfície plana e de coloração mais clara, 8 cm à direita do motivo 6 e num plano inferior aos motivos 2, 3 e 4. Trata-se assim de um traço, preenchido internamente, com formato semi-circular, cujo estado de conservação é bom, permitindo definir como método utilizado para aplicação do pigmento a digitação.

Motivo 8 – Morfologia de formato semi-circular caracterizada como um semi-círculo, mostrando os contornos irregulares e muito mal definidos. A zona aberta do semi-círculo encontra-se orientada para o lado direito. Apresenta como dimensões 8 cm de comprimento por 1,3 cm de largura. Localiza-se na área direita do painel, numa superfície plana, enquadrada entre fracturas e destacamentos, entre os motivos 7 e 9. Trata-se assim de um traço, preenchido internamente, com formato semi-circular, cujo estado de conservação é muito deficiente não sen-

do possível determinar qual o método utilizado para aplicação do pigmento.

Motivo 9 – Morfologia caracterizada tipologicamente como uma figura antropomórfica. O deficiente estado de conservação impede a correcta visualização da sua morfologia sendo actualmente perceptíveis apenas duas barras laterais, descontínuas até se juntarem no topo, existindo outra barra na área interior. Tipologicamente esta morfologia refere-se a um antropomorfo de sub-tipo ancoriforme, correspondendo as barras laterais aos membros superiores e a central ao tronco e corpo, não sendo representadas as extremidades inferiores nem a cabeça. Localiza-se na área mais à direita do painel, numa superfície plana separada do motivo 8 por diversas fracturas. Apresenta 11,5 cm de comprimento máximo e 8,5 cm de largura máxima e o seu deficiente estado de conservação não permite determinar qual o método utilizado para aplicação do pigmento.

Painel 3 – Corresponde à terceira camada quartzítica localizada no plano mais inferior. A delimitação do painel foi efectuada tendo em conta linhas de fracturação da rocha, correspondendo a uma área de disposição vertical, morfologia irregular, superfície plana e com formato rectangular. Apresenta 0,2 m de altura por 0,5 m de largura máxima. Foram identificados três motivos iconográficos neste painel:

Motivo 10 – Morfologia caracterizada como uma barra, de contornos mal definidos e irregulares, disposta na vertical, apresentando 4,6 cm de comprimento e 1 cm de largura máxima. Apresenta morfologia rectangular, com as extremidades arredondadas. Localiza-se na área central do painel, numa superfície plana, estando à esquerda dos motivos 11 e 12. O estado de conservação é muito deficiente não sendo possível determinar qual o método de aplicação do pigmento utilizado.

Motivo 11 – Morfologia de formato semi-circular caracterizada como um semi-círculo, mostrando os contornos regulares e definidos. A área aberta do semi-círculo encontra-se orientada para baixo. Apresenta como dimensões 8,7 cm de comprimento máximo por 1,4 cm de largura máxima. Localiza-se no centro do painel, numa superfície plana mas um pouco irregular, do lado direito do motivo 10 e na zona superior do motivo 12. Trata-se assim de um traço, preenchido internamente, com formato semi-circular, cujo estado de conservação é regular

permitindo determinar que o método utilizado para aplicação do pigmento foi a digitação.

Motivo 12 – Conjunto de dois pontos de morfologia elipsoidal e circular, com contornos regulares e bem definidos, localizados na área interior do semi-círculo caracterizado como motivo 11. O primeiro ponto, elipsoidal, tem 1,8 cm de diâmetro máximo e localiza-se ao centro do motivo 11, estando separado deste por 0,2 cm. O segundo ponto encontra-se numa zona mais inferior, continuando no espaço interior do semi-círculo, apresentando morfologia circular com 1 cm de diâmetro máximo. O estado de conservação destes dois pontos é regular, permitindo determinar que o método utilizado para aplicação do pigmento foi a digitação.

Painel 4 – Localiza-se na segunda camada quartzítica, mas num plano interior ao painel 2 e com orientação para Este, ao centro do abrigo. A disposição do painel é vertical e a sua delimitação foi efectuada tendo em conta linhas de fracturação da rocha, correspondendo a uma área de morfologia irregular, de superfície plana e com formato rectangular. Apresenta 0,2 m de altura por 0,14 m de largura máxima. Foi identificado um motivo iconográfico neste painel. (Figuras 19 e 20).

Motivo 13 – Conjunto de três pontos de morfologia elipsoidal, com contornos regulares e bem definidos, localizados ao centro do painel. Encontram-se dispostos em planos alternados, separados entre si por 2 a 3 cm de distância. Apresentam cerca de 1,8 cm de diâmetro máximo, sendo que o seu estado de conservação é regular permitindo determinar que o método utilizado para aplicação do pigmento foi a digitação.

Painel 5 – Localiza-se ao centro do abrigo numa superfície superior à área dos painéis 1, 2, 3 e 4, num plano mais exterior do próprio abrigo. A disposição do painel é vertical e a sua delimitação foi efectuada tendo em conta linhas de fracturação da rocha, correspondendo a uma área de morfologia regular, de superfície plana e com formato rectangular. Encontra-se orientado a Sul e a sua localização mais destacada faz com que o estado de conservação seja pior devido à acção directa de agentes meteóricos. A coloração heterógena da superfície revela a circulação frequente de água, proporcionando a proliferação quer de elementos micro-colonizadores como oxidação da superfície pétreia. Estes factores levam

a um mau estado de conservação do dispositivo iconográfico, que é constituído por quatro motivos esquemáticos. Apresenta 0,2 m de altura por 0,25 m de largura máxima. (Figuras 21 e 22).

Motivo 14 – Morfologia caracterizada como um ponto, circular, de contornos mal definidos e irregulares. Apresenta 1,8 cm de diâmetro máximo e localiza-se na zona mais superior do painel, numa superfície plana, estando isolado. O seu estado de conservação é regular permitindo determinar que o método utilizado para aplicação do pigmento foi a digitação.

Motivo 15 – Morfologia caracterizada como uma barra, de contornos bem definidos e regulares, disposta na vertical, apresentando 2,3 cm de comprimento e 0,8 cm de largura máxima. Apresenta morfologia rectangular, com as extremidades arredondadas. Localiza-se na área mais à esquerda do painel, numa superfície plana, estando à esquerda do motivo 16. O seu estado de conservação é regular permitindo determinar que o método utilizado para aplicação do pigmento foi a digitação.

Motivo 16 – Conjunto de duas barras e um ponto localizados ao centro do painel. As duas barras apresentam morfologia rectangular com as extremidades arredondadas, com contornos mal definidos e irregulares, tendo 2,4 cm de comprimento por 1,2 cm de largura máxima. Encontram-se dispostas na vertical estando alinhadas horizontalmente, separadas por 1 cm de distância. O ponto localiza-se num plano inferior às duas barras e apresenta morfologia circular com contornos bem definidos e regulares, tendo 1,6 cm de diâmetro máximo. Apesar do estado de conservação não ser excelente é possível determinar que o método utilizado para aplicação do pigmento foi a digitação.

Motivo 17 – Conjunto de quatro barras, de morfologia rectangular com as extremidades arredondadas. Mostram contornos regulares e bem definidos, encontram-se alinhadas obliquamente, dispostas na vertical, estando a primeira separada da segunda por 3,5 cm, a segunda da terceira por 1,2 cm e a terceira da quarta por 2,3 cm. Apresentam 2,1 cm de comprimento máximo por 1 cm de largura máxima e o pigmento ocupa uniformemente todo o motivo. Localizam-se na área mais à direita do painel, na extremidade de uma superfície, iniciando-se as barras na zona de fractura. O estado de conservação é regular sendo provavelmente utilizado como método de aplicação do pigmento a digitação.

4. PICTOGRAMAS E IDEOGRAMAS – OS MOTIVOS REPRESENTADOS

A iconografia existente nos abrigos do Pego da Rainha enquadra-se no ciclo artístico da arte esquemática, em que as figuras surgem representadas em morfologias desprovidas de caracteres reconhecíveis ou passíveis de interpretação contemporânea. São motivos abstractos, geométricos ou lineares, onde a simplificação formal é o elemento definidor. O esquematismo destes pictogramas e ideogramas é inerente a uma construção conceptual que é (ou foi) culturalmente reconhecida.

O reportório iconográfico destes abrigos é reduzido e com pouca diversidade, destacando-se as barras e pontos, existindo também morfologias circulares ou sub-circulares.

Barras

Esta tipologia de motivos deverá ser a que se encontra mais representada, em termos quantitativos, nos sítios com arte esquemática pintada em toda a Península Ibérica. As barras podem surgir isoladas ou, mais frequentemente, em conjuntos, que por vezes podem agrupar dezenas de figuras. Surgem também associadas a outros motivos, como antropomorfos, zoomorfos ou pontos, bem como fazer parte de cenas, como no painel 6 da Lapa dos Gaiões (Martins, 2021).

A interpretação destes motivos relaciona-os, segundo alguns investigadores, a representações muito esquemáticas de antropomorfos (Acosta, 1968: 115; Balbín Behrmann *et al.*, 1977:21). Esta classificação advém da recorrência da existência de barras em diversas cenas em que participam como se fossem motivos antropomórficos, correspondendo, desta forma, a figuras humanas totalmente esquematizadas (Acosta, 1968:117). Outros investigadores interpretam as barras como sistemas de numeração, podendo simbolizar o número de pessoas que frequentavam o abrigo, a composição social ou ritual da comunidade ou, ainda, algum tipo específico de contabilidade (Martínez Perelló, 1993:320). Poderão também corresponder ao auge da abstracção de uma determinada tipologia, não necessariamente antropomórfica, que perdeu todas as suas características formais (Collado Giraldo, 1995a:174).

As barras surgem dispostas na vertical, na horizontal ou em eixos inclinados, quer para a esquerda como para a direita. O método de execução destes

motivos será, na grande maioria dos casos, efectuado através de digitação, perceptível pelos limites arredondados e pela espessura do próprio traço, nunca com menos de 1 cm. Esta técnica implica necessariamente a colocação do dedo, ou dedos, no pigmento em estado semi-líquido ou pastoso, cobrindo a totalidade da ponta dos dedos de forma homogénea e espessa, de maneira a que o pigmento fique pressionado contra o suporte uniformemente. Este contacto directo com o meio, com o veículo de transmissão e com o objectivo final, ou seja, com o pigmento, o suporte e o motivo, poderão ter implicações simbólicas ou rituais, que infelizmente, para nós, são totalmente desconhecidas.

Nos dois abrigos do Pego da Rainha surgem diversos conjuntos de barras. No painel 1 do Pego da Rainha 2, cinco barras alinhadas poderão ter sido executadas de uma só vez, através da pressão simultânea de vários dedos com pigmento contra o suporte. Mas é no Abrigo 1 que a temática “barra” encontra o seu maior expoente, sendo a única tipologia de motivo presente. Surgem 20 barras, podendo os quatro pontos identificados corresponder a barras em mau estado de conservação, classificando este sítio como monotemático no que diz respeito à iconografia.

Pontos

Os pontos serão, a par das barras, um dos motivos mais frequentes na pintura esquemática existente na Península Ibérica. Esta morfologia, extremamente simples, surge por vezes nomeada de “digitação” (Martínez Perelló, 1993: 321), designação que consideramos inapropriada por corresponder à técnica empregue na execução do motivo.

Podem surgir isolado ou em conjuntos, estando muitas vezes associado a outras morfologias, como barras, zoomorfos ou antropomorfos, conseguindo ainda surgir agrupamentos com formas bastante definidas (Acosta, 1968: 113). Surgem, de igual modo, grandes conjuntos de pontos dispostos sem organização aparente, em agrupamentos, formando uma espécie de nuvens de pontos, de formatos subcirculares (Acosta, 1968: 114; Mateo Saura, 2005; Martins, 2016).

A interpretação destes motivos esquemáticos é bastante diversificada, podendo estar associada à reprodução de actividades rituais e/ou simbólicas (Martínez Perelló, 1993: 321); estar relacionados com algum tipo de sistema de contabilidade ou numeração (Acosta, 1968), ou mesmo simbolizar o rasto de

algum animal (sangue, pegadas) como foi sugerido por Collado Giraldo (1995: 185). Os pontos podem adquirir um significado idêntico, em alguns casos, às covinhas, que são dos motivos mais comuns nas gravuras esquemáticas (Martins, 2016).

Contudo, tal como foi referido para as barras, as tentativas interpretativas para este tipo de motivo abstracto e simples esquematicamente são muito difíceis de estabelecer e definir. A associação a outros motivos, como antropomorfos ou zoomorfos, indicará algumas recorrências e permitirá realizar algumas considerações, podendo os pontos, simplesmente, fazer parte integrante da morfologia de outros motivos. Esta situação está presente no painel 3 do Pego da Rainha 2, em que surgem dois pontos na área interior de um motivo semi-circular (12) originando um possível ídoliforme.

Motivos Circulares

O círculo simples surge como a morfologia mais esquemática, a par do próprio semi-círculo, sendo formas distintas, uma fechada e a outra aberta, mas com extrema simplicidade. Os restantes sub-tipos (concentrico, com ponto central, segmentado internamente) correspondem a variações dos motivos iniciais, podendo adquirir uma segmentação interna com barras verticais ou horizontais, pontos no interior, outros círculos internos ou formarem uma espiral.

A interpretação destes motivos é muito complexa e diversificada, estando, para alguns autores, relacionada com motivos solares ou lunares (Gomes, 2010), tendo os sub-tipos ainda outros significados, como os ovais serem a representação de ovos, traduzindo a ideia de renascimento e regeneração da Natureza (Gomes, 2010a).

Os quatro motivos existentes encontram-se no Pego da Rainha 2, correspondendo a semi-círculos, cuja abertura se encontra disposta em distintas orientações. São de dimensões distintas e mostram uma organização interna. O motivo 11 possui no interior dois pequenos pontos, podendo representar uma esquematização de ídolo oculado (Acosta, 1968: 68).

Antropomorfos

No Pego da Rainha 2 o motivo 9 foi caracterizado como um antropomorfo ancoriforme, formado por um traço central e outros dois semi-curvos dispostos lateralmente. O facto de não se encontrarem unidos na extremidade superior do traço central será resultado do mau estado de conservação do pigmento.

5. O PROCESSO DE CRIAÇÃO GRÁFICA

5.1. Pego da Rainha 1

Este sítio é constituído por uma parede vertical, localizada no grande maciço quartzítico, numa cota elevada, tendo, assim, grande visibilidade. Destaca-se visualmente pela presença de numerosos líquenes, que lhe atribuem uma tonalidade amarelo-esverdeada, sendo facilmente identificada desde o vale. Esta imediata identificação do suporte contrasta com a visualização do dispositivo iconográfico, apenas perceptível ao aproximarmo-nos da parede. As características do suporte, com abundantes óxidos de ferro, fracturas e líquenes impedem-nos de observar facilmente as pinturas, tornando-se muito difícil a sua correcta identificação. A pequena plataforma junto do painel permitiu a execução do dispositivo iconográfico, estando o executante de pé e alcançando facilmente todas as áreas do painel.

Verifica-se que a potencial superfície de pintura é muito maior do que aquela que foi utilizada, correspondendo a uma escolha deliberada, ou, ser reflexo de um melhor estado de conservação dos motivos actualmente existentes.

Este painel é praticamente monotemático, sendo predominantes as barras, em número de 20, existindo ainda três motivos identificados como pontos, e três restos de pigmento. O reportório iconográfico é de elevado esquematismo, predominando um motivo que implica um contacto directo com o suporte. Todas as figuras foram executadas através de digitação, ou seja, através da pressão do dedo pintado sobre a rocha, tocando-a, transformando-a numa composição conceptual. Encontram-se a meio do painel, a cerca de 50 cm do solo, e distribuem-se pela parede rochosa, verificando-se uma área central com maior número de motivos.

Apesar do elevado esquematismo verificamos que o painel mostra alguma organização, concentrando-se os motivos numa área central, estando as barras maioritariamente na posição vertical. As três barras que constituem o motivo 4 terão sido executadas de uma só vez, ou seja, utilizando o dedo indicador, o médio e o anelar, e pressionando os três simultaneamente contra a parede. Esta situação poderá também ter ocorrido nos motivos 7 e 10, sendo, porém, muito difícil de definir devido ao mau estado de conservação das pinturas. O motivo 6 é formado por quatro barras que se encontram na horizontal, como que selando esta área da composição.

Os motivos 1, 2 e 3 encontram-se dispersos pelo painel, verificando-se que a localização do motivo 1 encontra-se totalmente condicionada pelo suporte, tendo sido executado ao centro de duas linhas de fractura.

O elevado esquematismo desta composição não nos permite tecer mais considerações relativamente à organização interna da composição, sendo ainda de destacar o mau estado de conservação de todo o dispositivo iconográfico.

5.2. Pego da Rainha 2

O Abrigo 2 do Pego da Rainha localiza-se na vertente oposta ao Abrigo 1, não sendo possível passar de um abrigo ao outro sem descer ao vale e voltar a subir a encosta. Esta proximidade física encontra-se limitada por uma barreira natural (a crista quartzítica), isolando os dois sítios e atribuindo-lhes, deste modo, individualidade própria.

Os cinco painéis encontram-se em superfícies verticais, regulares, de fácil acesso, sendo o painel 5 o que está a um nível mais elevado, a cerca de 1,60 m do solo. O executante realizou as pinturas estando de pé no caso dos painéis 1, 4 e 5, e de cócoras ou sentado, no caso dos painéis 2 e 3.

Foram caracterizados 17 motivos, que correspondem a 30 figuras, sendo predominantes as barras. As restantes figuras são constituídas por nove pontos, quatro motivos circulares e um motivo antropomórfico.

O reportório iconográfico é, tal como no abrigo 1, marcadamente esquemático, onde além da preponderância das barras surgem também motivos semi-circulares. Verifica-se que o suporte funcionou como condicionante de localização do reportório iconográfico, aparecendo os diversos motivos em sítios específicos e destacados. A configuração da superfície da parede do abrigo, em grandes rectângulos horizontais, serviu para a compartimentação e organização dos painéis, criando diversos espaços cénicos, separados entre si. Esta separação foi posteriormente anulada com a execução do reportório iconográfico, originando uma determinada composição conceptual.

Os motivos 2, 3 e 4, formados por barras e pontos, localizam-se numa área destacada do painel 1, em que a superfície tem um ressalto exterior, surgindo as cinco barras (motivo 3) alinhadas horizontalmente, perto do rebordo superior desta superfície. Neste motivo, as três primeiras barras foram executadas simulta-

neamente, ou seja, com os dedos indicador, médio e anelar, pressionados ao mesmo tempo contra a parede. Os dois pontos, que constituem o motivo 2, também foram pintados no rebordo da superfície, mostrando uma organização na disposição das figuras.

Os motivos semi-circulares encontram-se distribuídos pelos três primeiros painéis, sendo o motivo 1 e o motivo 8 muito semelhantes morfologicamente, apresentando a abertura para a direita. Esta situação contrasta com o motivo 7, virado para a esquerda, e com o motivo 12 cuja abertura está orientada para baixo. O motivo 1 encontra-se numa área isolada do painel 1, como que dominando a restante composição, que se desenvolve num plano inferior, virado directamente para o motivo 7, que se abre para ele. O motivo 8 localiza-se na área inferior de um destacamento da superfície, estando como que parcialmente coberto ou escondido. Estes três motivos (1, 7 e 8) surgem organizados num eixo oblíquo, estando o motivo 7 num ponto central.

O motivo 11, que se localiza no painel 3, encontra-se associado a dois outros motivos: uma barra (10) e dois pontos (12). Os pontos estão na parte interior do semi-círculo e a barra no lado exterior esquerdo, formando este conjunto uma outra composição. Como referido anteriormente, a associação destes três motivos, levará a uma interpretação relacionada com morfologias interpretadas como ídolos oculados (Acosta, 1968: 68).

O motivo 9, caracterizado como uma representação antropomórfica de sub-tipo ancoriforme, localiza-se na área mais à direita do painel 2 estando, assim, num local destacado da composição. Actualmente, o mau estado de conservação, impossibilita a sua correcta visualização sendo, no entanto, o único motivo desta tipologia existente neste abrigo.

O painel 4 encontra-se na mesma camada quartzítica do que o painel 1, no entanto, localiza-se numa inflexão da dobra, estando num plano interior. O reportório iconográfico é muito reduzido, sendo formado por três pequenos pontos, que se encontram perto do rebordo superior da superfície.

Estes quatro painéis localizam-se nas camadas quartzíticas inferiores, mais interiores do abrigo. Por outro lado, o painel 5 está numa camada quartzítica superior, destacada exteriormente, e cuja superfície se encontra muito alterada por escorrimentos de água. Os motivos presentes neste painel são também constituídos por barras e um ponto, estando as quatro barras que constituem o motivo 17 dispostas de

forma alinhada junto do rebordo do painel. No motivo 16 está presente a associação entre um ponto e duas barras.

Em suma, neste abrigo encontramos algumas associações entre motivos, que devido ao seu elevado grau de esquematismo, impedem-nos de traçar mais considerações interpretativas. Estas associações poderão levar a uma mudança conceptual no significado de cada motivo, funcionando como uma adição a um código. Os painéis e a localização de alguns motivos foram totalmente condicionados pelo suporte, que funcionou como organizador dos eixos de execução e do espaço cénico. As semelhanças cromáticas e a inexistência de sobreposições levam-nos a considerar que o reportório iconográfico possa ter sido realizado num mesmo momento.

6. TERRITÓRIO DE VIVOS E DE MORTOS NO NEOLÍTICO E CALCOLÍTICO - A CONTEXTUALIZAÇÃO ARQUEOLÓGICA

Apesar do forte incremento que a presença de um núcleo de investigação arqueológica associado ao Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo, sediado em Mação, trouxe para o conhecimento arqueológico no espaço do actual concelho de Mação, a verdade é que a realidade científica relacionada com os espaços do quotidiano das antigas sociedades camponesas nesta área está, ainda, em construção.

Encontram-se referenciados alguns sítios arqueológicos da Pré-História recente, essencialmente de cariz funerário, sendo que o principal eixo organizador da paisagem é o Rio Tejo, nas margens do qual se encontra o complexo de arte rupestre do Vale do Tejo. O Rio Ocreza é, neste momento, o limite sul deste núcleo, nas margens do qual também se encontram referenciadas gravuras, quer paleolíticas como outras enquadráveis na Pré-História recente. Na Ribeira de Carvalheiro foram identificados 10 painéis com covinhas, enquanto no vale do rio Ocreza estão referenciadas 31 rochas com gravuras rupestres, cuja iconografia é maioritariamente esquemática (antropomorfos, zoomorfos, espirais, picotados). Já numa área de maior altitude encontra-se o sítio de Cobrança, que apresenta vários painéis gravados com círculos concêntricos, reticulados, um antropomorfo, um zoomorfo e algumas armas, iconografia esta que remete para a Idade do Bronze final (Oosterbeek e Cura, 2005).

É, porém, nas margens do Tejo que milhares de rochas foram antropizadas, com gravuras sub-naturalistas e esquemáticas, criando o denominado complexo artístico do Vale do Tejo. Identificado em 1971 por jovens arqueólogos originou a um dos primeiros trabalhos arqueológicos de minimização de impacto face à construção da barragem do Fratel e consequente submersão das gravuras. A denominada “geração Tejo” efectuou o levantamento de milhares de rochas gravadas, com metodologias inovadoras (Baptista, 2011; Gomes, 2010; Marques, 2011), permitindo a preservação pelo registo deste importante sítio arqueológico. Quatro décadas depois estes registos continuaram a ser utilizados permitindo novas abordagens e interpretações (Garcês, 2019). As gravuras localizam-se preferencialmente em grandes painéis xistosos horizontais, com uma iconografia muito variada e uma longa periodização: desde o período paleolítico até à Idade do Ferro, numa continuidade observável pela tipologia iconográfica e pelas numerosas sobreposições.

Diversos investigadores têm efectuado estudos sobre o Vale do Tejo, existindo divergências relativamente ao seu faseamento iconográfico e cronológico, o que está patente em trabalhos sobre rochas, motivos específicos ou em breves sínteses (Baptista, 1981; Garcês, 2019; Gomes, 1983; 1987; 1989; 1990; 2000; 2001; 2004; 2007; 2010 Oosterbeek, 2002). De entre estes investigadores, destaca-se o trabalho monográfico de M. Varela Gomes (2010) onde, pela primeira vez, este ciclo artístico foi exaustivamente descrito, apresentado e discutido, proporcionando assim um inventário para posteriores análises e interpretações.

No Vale do Tejo, as gravuras localizam-se desde a foz do Rio Ocreza até ao Tejo Internacional, prolongando-se por território espanhol. Além das descobertas mais recentes efectuadas no Ocreza, também no rio Erges foram identificadas novas gravuras e pinturas (Henriques *et al*, 2011; Martins e Nobre, 2013) correspondendo estes dois afluentes da margem direita do Tejo como os limites a montante e a jusante do complexo artístico.

Com reconhecida carga simbólica, embora relacionado com espaços de Morte destas comunidades agro-pastoris, reconhecem-se oito sítios de índole funerária, na área do actual concelho de Mação, sendo que sete correspondem a monumentos megalíticos (Anta do Vale da Lagoa, Anta de Mincova, Anta do Cabeço das Penedentes, Anta do Cabeço da

Amoreira, Anta da Casa dos Mouros, Anta da Foz do Rio Frio e Anta da Lajinha) e uma gruta necrópole (Buraca da Serpe) (Oosterbeek e Cura, 2005; Pereira, 1970). Destes sítios, importa destacar a Anta da Lajinha, inserida entre o Neolítico e o Calcolítico, e que foi alvo de escavação arqueológica por L. Oosterbeek, em 2006, que forneceu bastantes elementos relativamente à arquitectura do monumento (corredor baixo e estruturado com pequenos blocos) e que permitiu reportar episódios de violação de que o sítio foi objecto em época moderna e contemporânea (Oosterbeek, 2007).

No mesmo sentido, outro dos monumentos funerários intervencionados mediante escavação arqueológica é a Anta da Casa dos Mouros (responsabilidade científica a cargo de M. A. Bubner e T. Bubner), em 1982, que, segundo os autores, terá sido ocupado num período compreendido entre o Neolítico médio e final, tendo, igualmente, enterramentos associados ao fenómeno campaniforme. No entanto, só se conhece uma pequena notícia sobre o monumento, na distante publicação Informação Arqueológica (Bubner e Bubner 1985: 113). A Anta da Foz do Rio Frio foi também escavada revelando possuir câmara e corredor curto, pavimentado e recoberto com complexa mamoa, à semelhança de outros monumentos do Vale do Zêzere. Reconhece-se uma primeira fase de construção, pela presença de materiais arqueológicos neolíticos, seguindo-se a monumentalização do sítio em cerca de 3,500 a.C. (Oosterbeek e Cura, 2005).

No final da década de 60 do século XX, G. Zbyszewski e M.A. Bubner promoveram sondagens na Buraca da Serpe, identificando ocupações do Paleolítico médio e do Calcolítico inicial (Pereira, 1970).

Relativamente ao que terão sido os lugares de povoamento destas comunidades, reconhece-se a existência de quatro povoados. Ao povoado da Serra de Santo António foi atribuída a classificação cronocultural de Neolítico/Calcolítico, desconhecendo-se quais os elementos arqueológicos que levaram a essa atribuição, enquanto em Chão Redondo, Castelo Velho da Zimbreira, Castelo Velho de Vale Grou e no Castelo dos Palheirinhos, a cronologia foi mais estreita, embora ainda genérica: o Calcolítico (Pereira, 1970). O povoado do Castelo Velho da Zimbreira, localizado na elevação imediatamente em frente aos abrigos do Pego da Rainha, apresenta vários troços de muralha, revelando uma ocupação do Bronze Final e I Idade do Ferro, não tendo sido identifica-

dos níveis calcolíticos, como referido anteriormente (Delfino *et al.*, 2013). Este povoado fortificado domina visualmente toda a região, desde as Portas do Rodão ao Vale do Tejo, estando directamente relacionado com o Rio Ocreza e a Ribeira da Zimbreira, bem como com os Abrigos do Pego da Rainha localizados vertente oposta da crista quartzítica.

O conhecimento acerca dos espaços ocupados das antigas sociedades camponesas na região de Mação é, portanto, ainda exíguo, principalmente no que diz respeito a locais de habitat, contrastando com as manifestações rupestres, expressas nas gravuras do Vale do Tejo e nos abrigos pintados do Pego da Rainha.

7. OS ABRIGOS DO PEGO DA RAINHA E A SUA INTEGRAÇÃO NO CICLO DE ARTE ESQUEMÁTICA PENINSULAR

O Pego da Rainha 1 e o Pego da Rainha 2 são dois sítios arqueológicos com pinturas rupestres, enquadradas na Pré-História recente. Localizam-se numa crista quartzítica, directamente relacionados com o rio Ocreza e com o rio Tejo, fazendo parte de um território antropizado com diversos núcleos de manifestações gráficas. Esta paisagem “artisticamente” construída revela a permanência (ou passagem?) de comunidades ao longo de milénios, sendo estes marcadores de paisagem indicadores de rotas e de locais específicos. A iconografia presente nestes dois abrigos remete-nos para um momento em que as representações já não possuem características naturalistas, ou mesmo sub-naturalistas, correspondendo simplesmente a signos, pictogramas ou ideogramas, numa linguagem para nós difícil de aceder.

A definição de balizas cronológicas permite-nos estabelecer uma sequência sócio-cultural, das diversas comunidades num determinado espaço geográfico. Esta definição de distintos períodos, com evolução interna, leva a que a necessidade de comprovação cronológica seja algo intrínseco à credibilidade científica. Talvez, por esta razão, a arte esquemática conheça, por vezes, algum descrédito devido ao problemático estabelecimento de cronologias internas. A impossibilidade, até ao momento, da execução de datações directas aos pigmentos presentes nos abrigos com pintura esquemática, leva a que seja apenas proposta a datação relativa.

Através da análise de diversos sítios com arte esquemática no território actualmente Português foi definida uma periodização cronológica em dois grandes

períodos, tendo em conta iconografias, tipologias, técnicas, localização e modelos interpretativos. O primeiro momento – Arte Pré-Esquemática – enquadrada inicialmente no Neolítico (Martins, 2016) mas com uma revisão que aponta para momento inicial do Holocénico (Alves *et al.*, 2023), definido pelo cariz sub-naturalista e naturalista das representações, sendo a temática das representações antropomórficas elemento central.

O segundo momento – a Arte Esquemática Ideográfica – enquadra-se já num período de consolidação das comunidades agro-pastoris, com efectiva domesticação e antropização da paisagem, onde os códigos são reconhecidos pela comunidade, esquematizando-se assim as representações gráficas. Os pictogramas tornaram-se ideogramas, signos de uma linguagem conhecida pela comunidade ou por grupos dentro da comunidade. Os motivos geométricos e abstratos são os mais abundantes e as figuras antropomórficas e zoomórficas perdem os seus atributos formais, tornando-se meramente esquemáticas. Nos zoomorfos deixa de ser importante a representação naturalista do animal, esquematizando-se, surgindo agora também figurações de animais domesticados. Esta denominada arte esquemática ideográfica surge em todo o tipo de suportes, quer seja gravada, pintada ou ainda na cultura material, enquadrando-se os abrigos do Pego da Rainha e a sua iconografia neste segundo período. A nova abordagem conceptual é o reflexo da consolidação da sedentarização por estas comunidades desde final do IV milénio a.C. até ao final do III milénio a.C.

8. INVESTIGAR ARTE ESQUEMÁTICA – BREVES PALAVRAS FINAIS

Os Abrigos do Pego da Rainha, identificados já no presente milénio e no âmbito de um projecto de investigação, são reflexo das novas abordagens metodológicas que a arqueologia portuguesa, e particularmente a arte rupestre, conheceu nas últimas décadas. Realizar uma prospecção direccionada, percorrendo sítios praticamente inacessíveis, levou à descoberta de diversos abrigos e/ ou rochas com gravuras e pinturas (Alves *et al.*, 2023; Diez *et al.* 2003; Henriques *et al.* 2011; Martins e Nobre, 2013; Reis, 2014) contribuindo para um *corpus* mais robusto e diversificado, possibilitando a definição de ciclos artísticos e de cronologias mais apuradas, principalmente para a arte rupestre pós-paleolítica. Tal como

outras materialidades, a arte rupestre é passível de re-análise e de novas interpretações, destacando-se actualmente a utilização de novas tecnologias que permitem a visualização de pinturas cujo pigmento é impercetível a olho nu devido a uma má conservação. Deste modo, no Pego da Rainha 2, identificou-se recentemente a presença de restos de pigmento que corresponderiam a motivos idênticos aos caracterizados anteriormente (barras e pontos) aumentando o reportório iconográfico. Esta situação tem sido recorrente em sítios com pintura rupestre ao ar livre – como Lapa dos Gaivões no núcleo de Arronches, ou nos abrigos do Ervideiro no Vale do Côa, onde através de D-Strech se definiram novas morfologias não reconhecidas em estudos anteriores. Conheceu-se assim na última década uma autêntica revolução na metodologia de registo de arte rupestre, sucedendo-se, a uma velocidade quase imparável, a proliferação de métodos que permitem uma caracterização analítica e o mais realista possível, ultrapassando o factor interpretativo humano sempre presente nas abordagens tradicionais como os decalques directos. Este aperfeiçoamento técnico levou porém, em muitos casos, a uma minimização da vertente interpretativa dos próprios conjuntos, sendo escassas as abordagens de conjunto e sínteses, mudando o paradigma do século passado assente em estudos monográficos de sítios com arte rupestre. Consideramos fundamental a apresentação da cultural material na sua totalidade, no caso da arte rupestre os motivos iconográficos existentes, permitindo assim o conhecimento total dos contextos. A partir desta etapa analítica poderão ser traçadas propostas interpretativas que permitirão uma aproximação aos programas conceptuais das comunidades pré-históricas, integrando-as num território em que espaços de habitat, necrópoles e sítios com arte rupestre se encontram interligados. Estes pressupostos foram aplicados ao estudo dos abrigos do Pego da Rainha, onde a caracterização do dispositivo gráfico permitiu propor o seu enquadramento na fase da Arte esquemática Ideográfica, balizada cronologicamente entre finais do IV milénio a.C e III milénio a.C, ou seja, iniciando-se no Neolítico final e permanecendo-se durante todo o Calcolítico. A simplificação dos motivos existentes, que poderiam ser dissuadores de um estudo monográfico, reflecte a complexificação cultural e conceptual destas comunidades agro-pastoris e metalúrgicas. Estes sítios seriam igualmente palco de acções efémeras, que pelas

suas características etéreas não ficaram presentes no registo arqueológico. Movimento e som, através de dança, cânticos, músicas, conversas e rituais poderão ter ocorrido nestes locais, ficando materializados apenas nos motivos pintados. A antropização dos abrigos do Pego da Rainha, através da arte rupestre, corresponde assim a um dos vértices que definem o território de determinada comunidade.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, Pilar (1968) – *La Pintura rupestre Esquemática en Espana*, Memorias del Seminario de Prehistoria y Arqueología, Universidad de Salamanca, Salamanca, 250 p.
- ALVES, Lara B.; MARTINS, Andrea; REIS, Mário (2023) – Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa. Arnaud, J.; Neves, C. e Martins, A. (Coords) – *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses
- BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; FERNÁNDEZ-MIRANDA, Manuel; MOURE ROMANILLO, Alfonso (1977) – El Abrigo con pinturas esquemática de Hoyo de Pela (Navalvillar de Pela, Badajoz), *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Tomo 43, pp. 5-26.
- BAPTISTA, António M. (1981) – *A rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*, Monografias Arqueológicas, 1, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 83 p.
- BAPTISTA, António M. (2001) – Ocreza (Envendos, Mação, Portugal Central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre, In CRUZ, Ana Rosa; OOSTERBEEK, Luiz, coord., *Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo II – Santa Cita e o Quaternário da Região*, ARKEOS, 11, pp. 163-192.
- BAPTISTA, António M. (2011) – 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto..., *Açafa on-line*, nº4, Associação de Estudos do Alto Tejo, pp. 2-11.
- BUBNER, Maria Amelia; BÜBNER, Thomas (1985) – Anta da Foz do Rio Frio (Ortiga) 1982, *Informação Arqueológica*, 5, Lisboa, pp. 112-113.
- CARDOSO, Daniela (2002) – *Étude de peintures schématiques des abris du site Pego da Rainha: region de l'Alto Ribatejo – Portugal*, Institut de Paléontologie Humaine, Paris, (Mémoire de D.E.A., policopiado).
- CARDOSO, Daniela (2003) – Pego da Rainha (Mação), In CRUZ, Ana Rosa; OOSTERBEEK, Luiz Oosterbeek, coord., *Arte Pré-histórica: arqueologia e valorização*, ARKEOS, 14, Tomar: CEIPHAR, pp. 59-72.
- COLLADO GIRALDO, Hipólito (1995) – Sistematización cronológica de la pintura rupestre esquemática en la provincia de Badajoz: Los abrigos de la Sierra de Magacela, *Espacio, Tiempo y Forma*, Série I, Prehistoria y Arqueología, nº 8, pp. 135-190.

- DELFINO, Davide; OOSTERBEEK, Luiz; BAPTISTA, João; GOMES, Hugo; BELTRAME, Massimo; CURA, Pedro (2013) – A Proto-História no Concelho de Mação: Novas investigações, novas abordagens, novos dados, *1º Congresso de Arqueologia do Alto Alentejo*, ARKEOS, nº 34, Tomar: CEIPHAR, pp. 181-194.
- GARCÍA DÍEZ, Marcos; MARTINS, Andrea; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, Ana; SOUTO, Pedro (2003) – “Prospecção Arqueológica no Alto Côa. Novas descobertas de arte rupestre”. *Al-Madan* 12: 180-181.
- GARCÊS, Sara (2019) – *Cervídeos: Símbolos e Sociedade nos Primórdios da Agricultura no Vale do Tejo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 10).
- GOMES, Mário Varela (1983) – Arte Esquemática do Vale do Tejo, *Zephyrus*, 36, Salamanca: Universidad de Salamanca, pp. 277-285.
- GOMES, Mário Varela (1987) – Arte Rupestre do Vale do Tejo, *Arqueologia no Vale do Tejo*, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, Departamento de Arqueologia, pp. 27-43.
- GOMES, Mário Varela (1989) – Arte Rupestre do Vale do Tejo – um santuário Pré-histórico, *Cuadernos de San Benito: Encuentros sobre el Tajo, el agua y los asentamientos humanos*, nº 2, Alcântara, pp. 49-75.
- GOMES, Mário Varela (1990) – A rocha 49 de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico da arte do Vale do Tejo, *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, Vol. I, Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, pp. 151-177.
- GOMES, Mário Varela (2000) – A rocha 175 de Fratel – Iconografia e interpretação, *Estudos Pré-Históricos*, Vol. VIII, Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 81-112.
- GOMES, Mário Varela (2001) – Arte Rupestre do Vale do Tejo (Portugal) Antropomorfos (Estilos, Comportamentos, Cronologias e interpretações), *Semiótica del Arte Prehistórico, Serie Arqueológica* Núm. 18, Valencia: Servicio de Estudios Arqueológicos Valencianos, Diputación Provincial de Valencia, pp. 53-88.
- GOMES, Mário Varela (2004) – A rocha 11 de Gardete (Vila Velha de Rodão) e os períodos terminais da arte rupestre do Vale do Tejo, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.7, nº 1, Instituto Português de Arqueologia, pp. 61-128.
- GOMES, Mário Varela (2007) – Os períodos iniciais da arte o Vale do Tejo (Paleolítico e Epipaleolítico), *Cuadernos de arte rupestre*, 4, Murcia: Revista del Centro de Interpretación de Arte Rupestre Casa de Cristo de Moratalla, p. 81-116.
- GOMES, Mário Varela (2010) – *Arte Rupestre do Vale do Tejo – Um Ciclo Artístico-Cultural Pré e Proto-Histórico*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 3 vols, (Dissertação de Doutoramento, texto polycopiado).
- HENRIQUES, António (2001) – Mação descobre pinturas rupestres, *Jornal Expresso* – 21 de Julho de 2001, p. 21.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CARDOSO, João Luís; CHAMBINO, Mário (2011) – Grafismos rupestres pré-históricos no Baixo Erges (Idanha-a-Nova, Portugal), In BUENO RAMÍREZ, Primitiva; CERRILO CUENCA, Enrique; GONZALEZ CORDERO, A., eds., *From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region* – BAR Internacional Series 2219, Oxford: Archaeopress, pp. 199-217.
- MARTÍNEZ PERELLÓ, María Isabel (1993) – Arte Rupestre en Badajoz. Un nuevo abrigo con pinturas esquemáticas: El morro del Valle de la Venta (Cabeza del Buey), *Revista de Estudios Extremeños*, Tomo XLIX, nº 2, Badajoz: Centro de Estudios Extremenos, pp. 309-336.
- MARTINS, Andrea (2011) – Shelter with schematic painted art in Portugal – Territories and symbolologies. In Esther López-Montalvo y Maria Sebastián López (Coord) – *El Legado artístico de las Sociedades Prehistóricas – Nuevos paradigmas de análisis y documentación*. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Zaragoza, pp.111-113.
- MARTINS, Andrea; NOBRE, Luís (2013) – Um novo abrigo com Pintura Rupestre Esquemática: o Abrigo de Segura, ou como, só se encontra aquilo que se procura. In José Morais Arnaud, César Neves, & Andrea Martins (Eds.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos – textos*, Lisboa, Portugal: AAP, pp. 515-521.
- MARTINS, Andrea (2013) – A Pintura Rupestre Esquemática em Portugal: muitos sítios, mesmas pessoas?. In José Morais Arnaud, César Neves, & Andrea Martins (Eds.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos – textos*, Lisboa, Portugal: AAP, pp. 495-505.
- MARTINS, Andrea (2015) – Arte rupestre Neolítica: uma primeira abordagem aos abrigos pintados do território Português. Gonçalves, V. S.; Diniz, M.; Sousa, A.C. (eds.) – 5.º Congresso do Neolítico Peninsular. *Actas. Estudos & Memórias* 8. UNIARQ, pp. 585-590.
- MARTINS, Andrea (2016) – A pintura rupestre do centro de Portugal antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris. Monografias AAP, 3. Lisboa, Portugal: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- MARTINS, Andrea (2019) – ? Y en la fachada atlántica? El arte rupestre post-paleolítico en Portugal. *Sociedades prehistóricas y manifestaciones artísticas, Imágenes, nuevas propuestas e interpretaciones, Colección Petracos*, 2; pp. 131-138.
- MARTINS, Andrea (2021) – Schematic rock paintings in Portugal: an approach to the female universe at Lapa dos Gaivões. *Cuadernos de Arte Prehistorico* 11; pp. 19-44.
- MARQUES, Teresa (2011) – Vão estas palavras... extractos de caderno de campo de 1972/73, *Açaфа on-line*, nº 4, Associação de Estudos do Alto Tejo, pp. 2-10.
- MATEO SAURA, Miguel Ángel (2005) – *La pintura rupestre en Moratalla (Murcia)*, Murcia: Ayuntamiento de Moratalla, 182 p.

OOSTERBEEK, Luiz (2002) – Le culte de l’Eau dans le Alto Ribatejo, In CRUZ, Ana Rosa; OOSTERBEEK, Luiz, coord., *Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo III -Arte Pré-Histórica e o seu Contexto*, ARKEOS, 12, Tomar: CEIPHAR, pp. 227-256.

OOSTERBEEK, Luiz; COLLADOGIRALDO, Hipólito (2002) – *Campanha Arqueológica de 2001 – Relatório final*, Arquivo de Arqueologia Portuguesa, (texto policopiado).

OOSTERBEEK, Luiz; CRUZ, Ana Rosa; ROSINA, Pierluigi; FIGUEIREDO, Alexandra; GRIMALDI, Stefano (2002) – TEMPOAR – Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo (Portugal) – 1998-2001 (Síntese Global dos Trabalhos Realizados), In CRUZ, Ana Rosa; OOSTERBEEK, Luiz, coord., *Territórios, Mobilidade e Povoamento no Alto Ribatejo III -Arte Pré-Histórica e o seu Contexto*, ARKEOS, 12, Tomar: CEIPHAR, pp. 261-322.

OOSTERBEEK, Luiz; CURA, Sara (2005) – O Património arqueológico do Concelho de Mação, *Zahara*, Ano 3, nº 6, Abrantes, pp. 17-32.

OOSTERBEEK, Luiz (2007) – *Lhitos – Circuito Arqueológico do Vale do Tejo – Archaeological Itinerary*, Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo, Mação.

OOSTERBEEK, Luiz; ABREU, Mila Simões; COLLADO GIRALDO, Hipólito; PEREIRA, Anabela Borralheiro; COIMBRA, Fernando; GARCÊS, Sara; CURA, Sara; CURA, Pedro; TEIXEIRA, Vítor (2010) – Arte rupestre do Concelho de Mação – Conservação, estudo e promoção no Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo, In GUÍDON, Niéde; BUCO, Crís; ABREU, Mila Simões de, coord. – *Fundamentos IX – Global Rock Art – IFRAO*, Vol. III, Brasil: Fundação Museu do Homem Americano, pp. 483-508.

PEREIRA, Maria Amélia Horta (1970) – *Monumentos históricos do concelho de Mação*, Câmara Municipal de Mação, Mação.

REIS, Mário (2014) – ‘Mil rochas e tal...!’: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (Conclusão). *Portvgalia*. Porto. 35, pp. 17-59.

ROMÃO, José (2006) – *Carta Geológica de Portugal – Notícia explicativa da Folha 28-A Mação*, Departamento de Geologia, Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, 77 p.

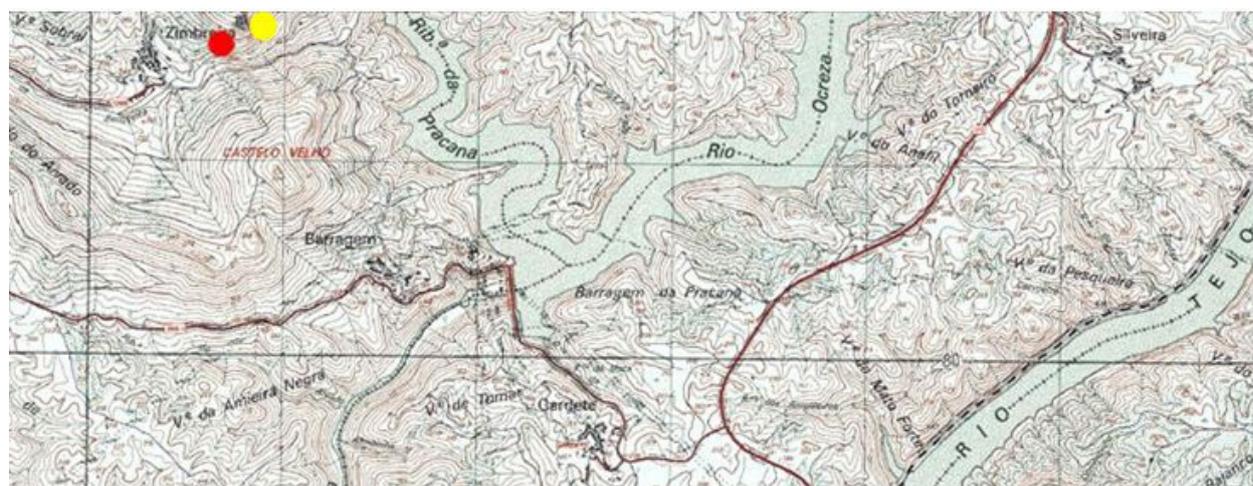


Figura 1 – Localização do Abrigo 1 (vermelho) e Abrigo 2 (amarelo) do Pego da Rainha CMP 323, escala 1:25000.



Figura 2 – Crista quartzítica onde se localizam os dois abrigos do Pego da Rainha.



Figura 3 – Localização do Pego da Rainha 1.



Figura 4 – Localização do Pego da Rainha 2.



Figura 5 - Pego da Rainha 1 - parede e pequena plataforma.

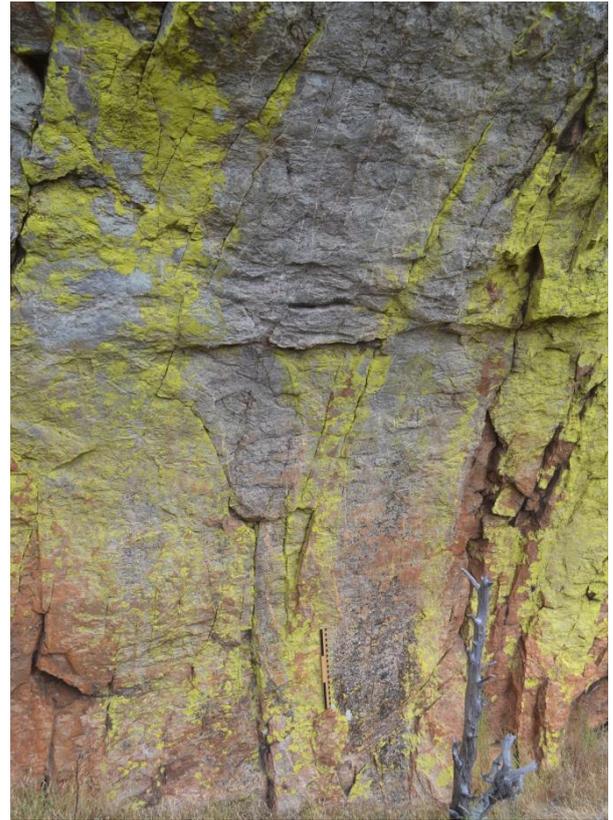


Figura 6 - Pego da Rainha 1 - Painel 1.



Figura 7 - Decalque do Painel 1 - Pego da Rainha 1.

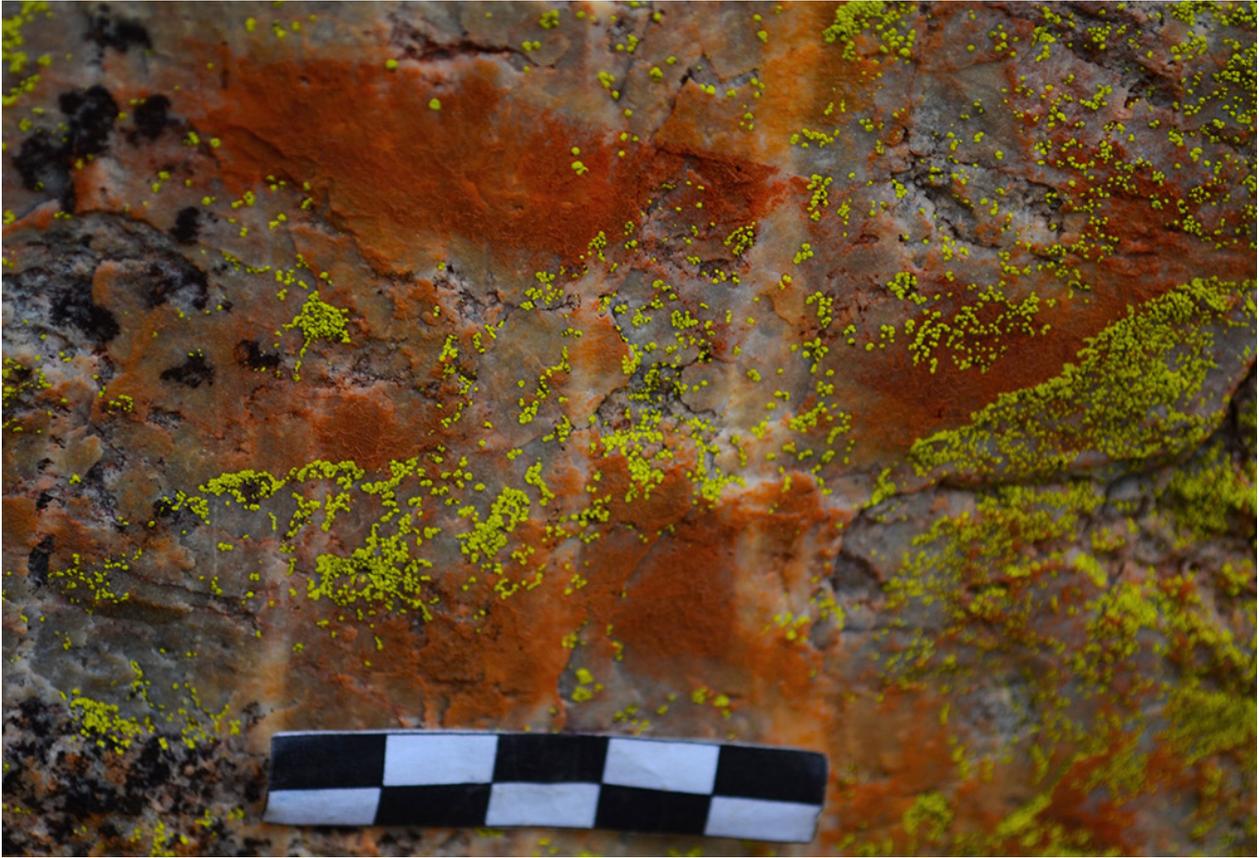


Figura 8 – Pego da Rainha 1 – Motivo 4.



Figura 9 – Pego da Rainha 1 – Motivo 7.

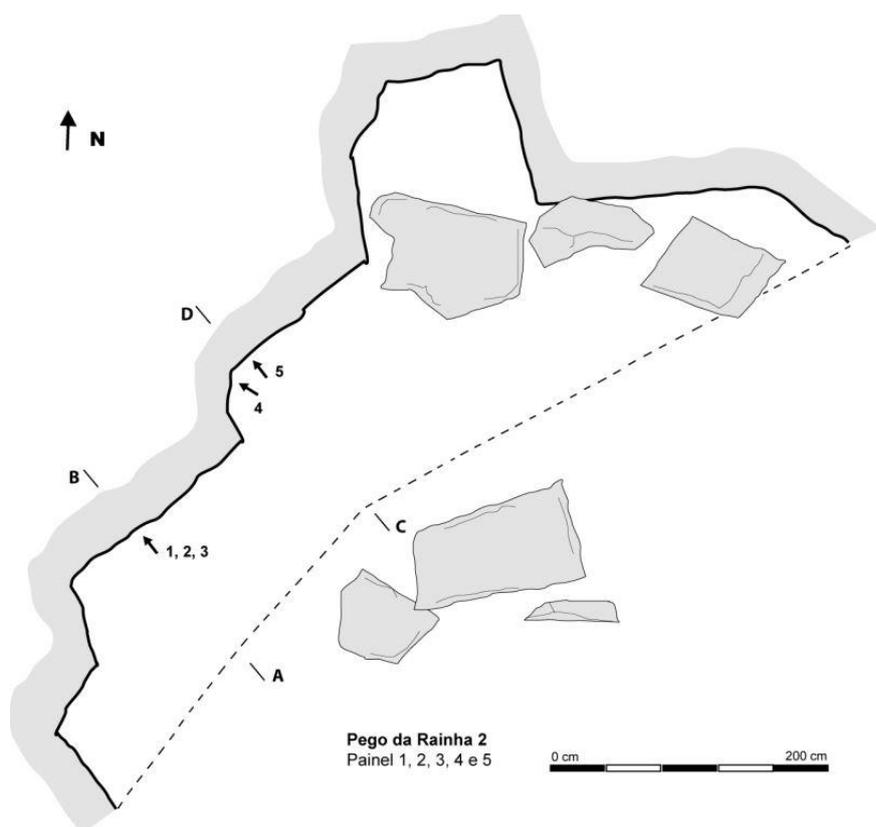


Figura 10 - Pego da Rainha 2 - plano, com indicação dos painéis e dos perfis realizados.



Figura 11 - Pego da Rainha 2 - aspecto geral do abrigo.

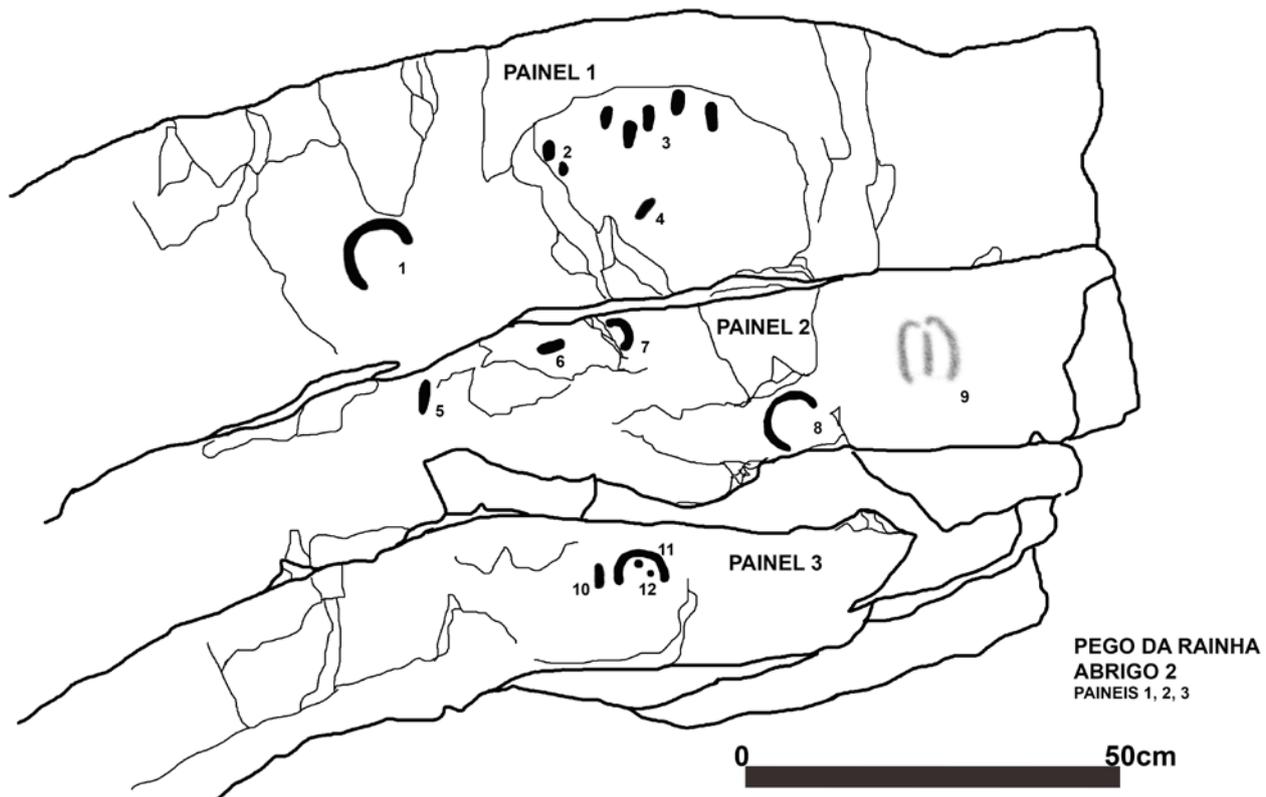


Figura 12 - Pego da Rainha 2 - Decalque dos painéis 1, 2 e 3.



Figura 13 - Pego da Rainha 2 - Motivo 2.



Figura 14 - Pego da Rainha 2 - Motivo 3.

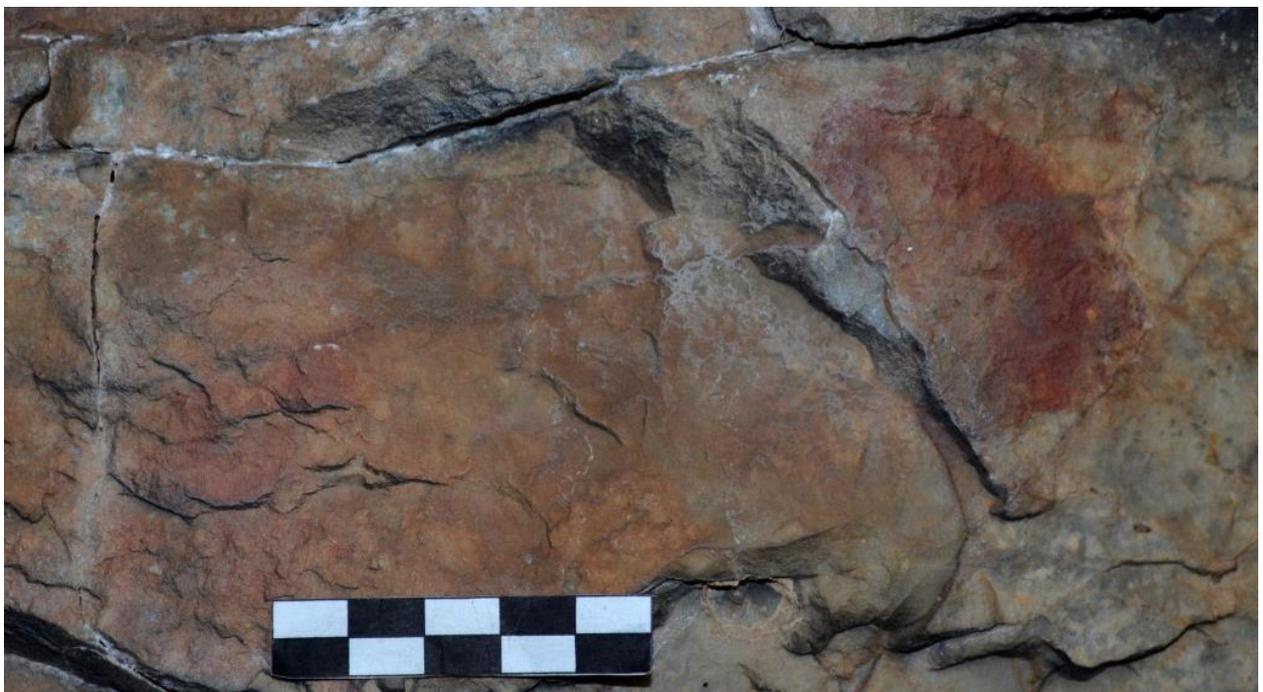


Figura 15 - Pego da Rainha 2 - Motivos 6 e 7.



Figura 16 - Pego da Rainha 2 - Motivo 8.



Figura 17 - Pego da Rainha 2 - Motivo 9.



Figura 18 - Pego da Rainha 2 - Motivos 10, 11 e 12.

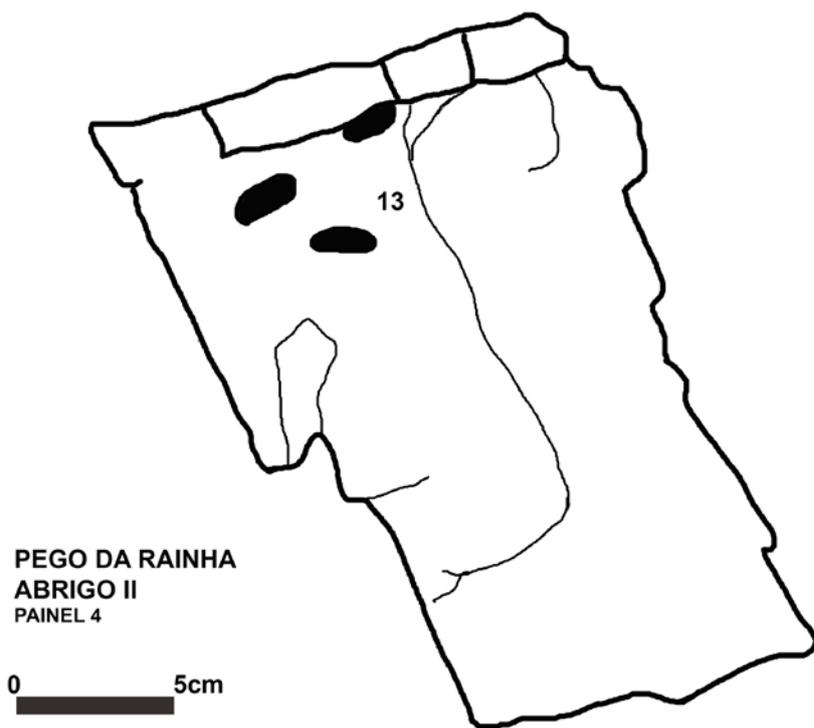


Figura 19 - Decalque do Pannel 4 do Pego da Rainha 2.

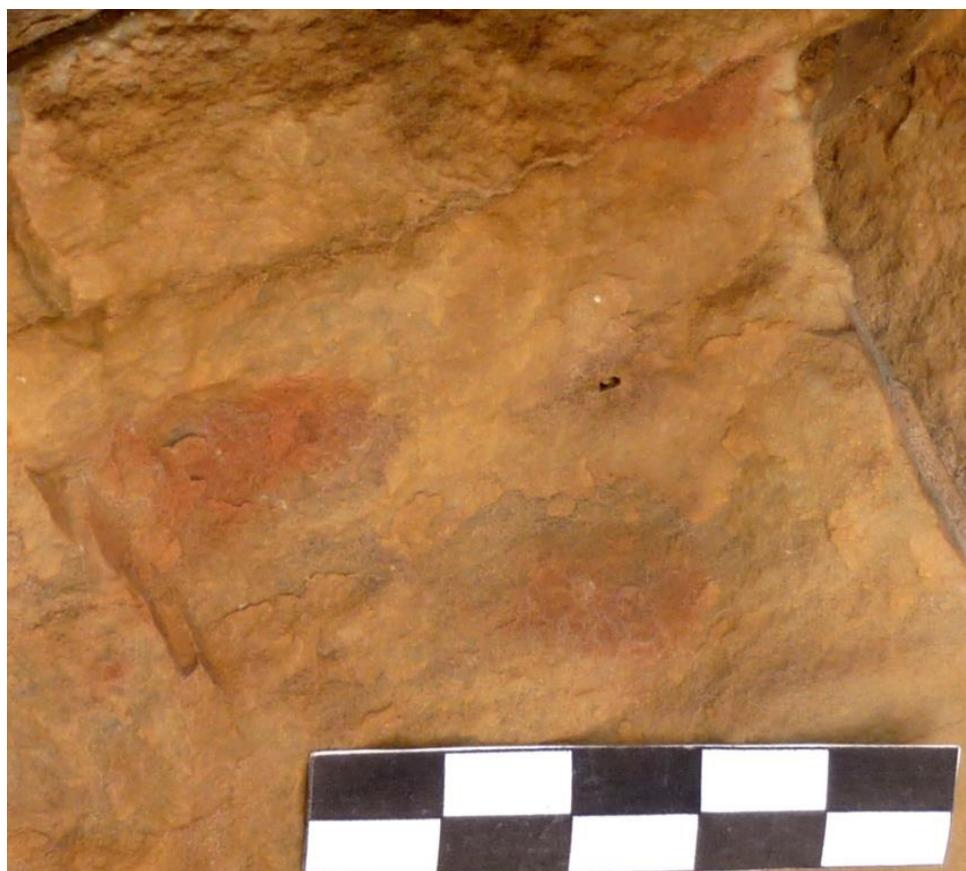


Figura 20 - Pego da Rainha 2 - Motivo 13.

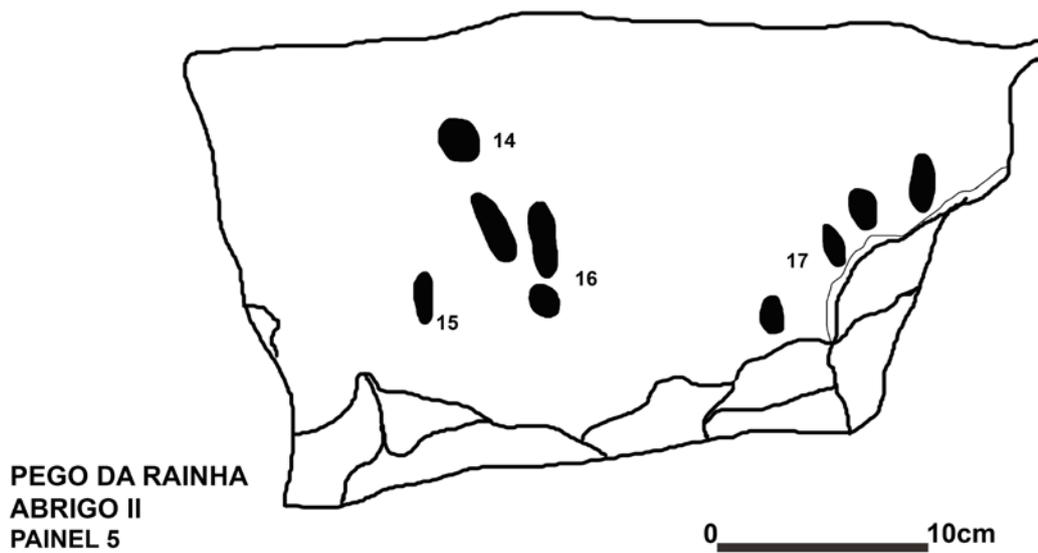


Figura 21 - Decalque do Painel 5 do Pego da Rainha 2.



Figura 22 - Pego da Rainha 2 - Motivo 16.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1290 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO: FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Responsável do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**